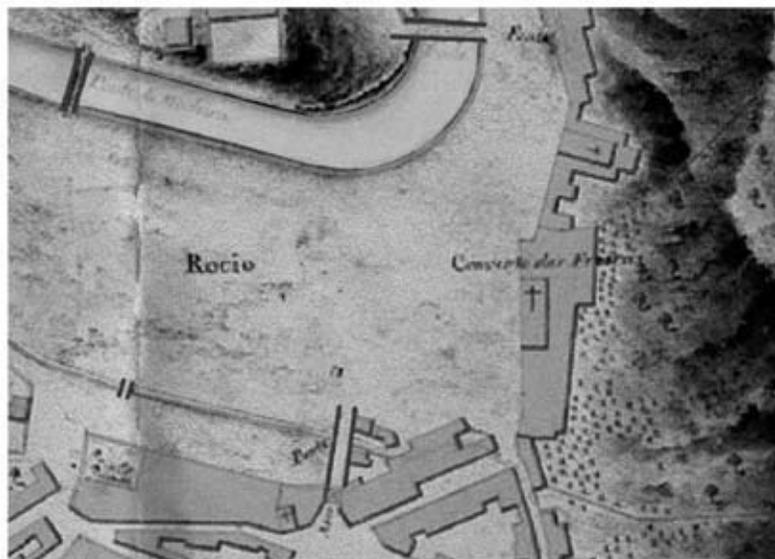


# Cidade Sentida

Inês Antunes



A Cidade de Leiria em 200 anos de história: entre 1809 e 2009

Cidades são relações; a cidade é concreta quando pensamos no espaço que habitamos, no local de trabalho, no café habitual e em todos os lugares que vivenciamos quotidianamente. É nessa cidade construída que surge outra dimensão incorpórea, dominada pelas representações emotivas do lugar urbano.

A rua, os edifícios e a arquitectura que pontuam a cidade são permanentemente reinventados pelo modo como nos apropriamos desses espaços, impregnando-os de outras perspectivas. Descobrem-se caminhos e segredos, tacteados pelo conhecimento que a cidade tem para contar; histórias dos seus habitantes e das suas idiossincrasias que são o estofa para o encontro do sentido da paisagem urbana. Sentir a cidade é redesenhá-la a partir da posição que cada um ocupa.

Como tal, irrompeu o desejo de visitar Leiria, a minha própria cidade. Decidi percorrê-la a pé, caminhar... usando a mesma linguagem e método da condição de estrangeiro, desenraizado, para conseguir reconstruir as origens das minhas representações, de uma forma menos superficial. De imediato, deparei-me com uma cidade acumulada: de escalas, de épocas, de intensidades, que foram confluindo ao longo do anos.

A cidade é um conjunto de imagens, de factos e acontecimentos em que o sujeito se revê. Leiria, tal como um indivíduo, tem a sua própria identidade, materializada tanto geograficamente como na proeminência dos valores simbólicos, expressões culturais, históricas e mnemónicas da cidade. Nesta linha de ideias, a cidade não é apenas aquilo que faz ou produz, mas também aquilo que *parece*, representa e oferece ao cidadão. Leiria é uma cidade com forte carácter patrimonial, desfrutando de uma localização atractiva, centrada num território desenhado por colinas e vales abertos sobre o rio Lis. Este *lugar*, entendido como *genius loci*, traduz uma das características de identidade urbana mais resistentes aos fenómenos de transformação da paisagem urbana. O fascínio das cidades surge aliado à sua temporalidade e, por isso, a cidade histórica é uma das principais atracções dos dias de hoje. De facto, houve uma deslocação do fascínio dos elementos arquitectónicos físico-espaciais da cidade para a sua história e temporalidade: é na minúcia do exemplar histórico e monumental da cidade que hoje se vislumbram os traços da sua singularidade.

É perante a constatação da materialidade histórica inerente à cidade que Aldo Rossi (Rossi, 1979) procurou uma compreensão da *forma* enquanto história, na tentativa de recuperar antigas estruturas, presentes na cidade actual. Rossi assinala que a cidade é um dado concreto na sua forma construída, mas essa concretude permite essencialmente entender como a arquitectura constrói a cidade, não só para funcionar mas, sobretudo, para viver e comunicar. “Por arquitectura da cidade podem-se entender dois aspectos diferentes: no primeiro caso, é assimilar a cidade a um grande manufacto, uma obra de



Vista do Castelo sob a Praça Rodrigues Lobo e o Convento de Sant'Ana, em 1870